

Louis Althusser

IDEOLOGIA
E APARELHOS IDEOLÓGICOS
DO ESTADO

3ª edição

Editorial Presença

OS APARELHOS IDEOLÓGICOS DE ESTADO

O que é preciso acrescentar à «teoria marxista» do Estado é pois outra coisa.

Devemos agora avançar com prudência num terreno onde, de facto, os clássicos do marxismo nos precederam há longo tempo, mas sem ter sistematizado, sob uma forma teórica, os progressos decisivos que as suas experiências e os seus métodos e processos (*démarches*) implicaram. As suas experiências e métodos permaneceram de facto no terreno da prática política.

De facto, na sua prática política, os clássicos do marxismo trataram o Estado como uma realidade mais complexa do que a definição que dele se dá na «teoria marxista do Estado», mesmo completada como a apresentámos. Na sua prática reconheceram esta com-

plexidade, mas não a exprimiram numa teoria correspondente¹.

Gostaríamos de tentar esboçar muito esquematicamente esta teoria correspondente. Para esse fim, propomos a tese seguinte.

Para se avançar na teoria do Estado, é indispensável ter em conta, não só a distinção entre *poder de Estado* e *aparelho de Estado*, mas também outra realidade que se situa manifestamente do lado do aparelho (repressivo) de Estado, mas não se confunde com ele. Designaremos esta realidade pelo seu conceito: os *aparelhos ideológicos de Estado*.

Que são os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)?

Não se confundem com o aparelho (repressivo) de Estado. Lembremos que na teoria

¹ Segundo o que conhecemos, Gramsci foi o único que se aventurou nesta via. Teve a ideia «singular» de que o Estado não se reduzia ao aparelho (repressivo) de Estado, mas compreendia, como ele dizia, certo número de instituições da «*societade civil*»: a Igreja, as Escolas, os sindicatos, etc. Gramsci não chegou infelizmente a sistematizar estas instituições que permaneceram no estado de notas perspicazes, mas parciais (cf. Gramsci: *Oeuvres Coistes*, Ed. Sociales, pp. 290-291 (nota 3), 293, 295, 436. Cf. *Lettres de Prison*, Ed. Sociales, p. 313.

marxista, o Aparelho de Estado (AE) compreende: o Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões, etc., que constituem aquilo a que chamaremos a partir de agora o Aparelho Repressivo de Estado. Repressivo indica que o Aparelho de Estado em questão «funciona pela violência», — pelo menos no limite (porque a repressão, por exemplo administrativa, pode revestir formas não físicas).

Designamos por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. Propomos uma lista empírica destas realidades que, é claro, necessitará de ser examinada por memorizadamente, posta à prova, rectificada e reelaborada. Com todas as reservas que esta exigência implica, podemos desde já considerar como Aparelhos Ideológicos de Estado as instituições seguintes (a ordem pela qual as enumeramos não tem qualquer significado particular):

— O AIE religioso (o sistema das diferentes Igrejas),

— o AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares),

— o AIE familiar¹,

— o AIE jurídico²,

— o AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos),

— o AIE sindical,

— o AIE da informação (imprensa, rádio-televisão, etc.),

— o AIE cultural (Letras, Belas Artes, desportos, etc.).

Dissémos: os AIE não se confundem com o Aparelho (repressivo) de Estado. Em que consiste a diferença?

Num primeiro momento podemos observar que, se existe *um* Aparelho (repressivo) de Estado, existe uma *pluralidade* de Aparelhos ideológicos de Estado. Supondo que ela existe,

¹ A Família desempenha manifestamente outras funções para além das de um AIE. Intervém na reprodução da força de trabalho. E, segundo os modos de produção, unidade de produção e (ou) unidade de consumo.

² O «Direito» pertence simultaneamente ao Aparelho (repressivo) de Estado e ao sistema dos AIE.

2º AIE - privado
Aparelho privado

a unidade que constitui esta pluralidade de AIE num corpo único não é imediatamente visível.

Num segundo momento, podemos constatar que enquanto o aparelho (repressivo) de Estado, unificado, pertence inteiramente ao domínio *público*, a maioria dos Aparelhos Ideológicos de Estado (na sua dispersão aparente) releva pelo contrário do domínio *privado*. Privadas são as Igrejas, os Partidos, os sindicatos, as famílias, algumas escolas, a maioria dos jornais, as empresas culturais, etc., etc....

Por agora deixemos de parte a nossa primeira observação. Mas o leitor não deixará de relevar a segunda para nos perguntar com que direito podemos considerar como Aparelhos Ideológicos de Estado instituições que, na sua grande maioria, não possuem estatuto público, e são pura e simplesmente instituições *privadas*. Como Marxista consciente que era, Gramsci já salientara esta objecção. A distinção entre o público e o privado é uma distinção interior ao direito burguês, e válida nos domínios (subordinados) em que o direito burguês exerce os seus «poderes». O domínio do Estado escapa-lhe porque está «para além do Direito»: o Estado, que é o Estado da classe dominante, não é nem público nem privado, é pelo cor-

trário a condição de toda a distinção entre público e privado. Podemos dizer a mesma coisa partindo agora dos nossos Aparelhos Ideológicos de Estado. Pouco importa que as instituições que os realizam sejam «públicas» ou «privadas». O que importa é o seu funcionamento. Instituições privadas podem perfeitamente «funcionar» como Aparelhos Ideológicos de Estado. Uma análise um pouco mais profunda de qualquer dos AIE seria suficiente para provar o que acabámos de dizer.

Mas vamos ao essencial. O que distingue os AIE do Aparelho (repressivo) de Estado, é a diferença fundamental seguinte: o Aparelho repressivo de Estado «funciona pela violência», enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado *funcionam «pela ideologia»*.

Podemos precisar rectificando esta distinção. Diremos de facto que qualquer Aparelho de Estado, seja ele repressivo ou ideológico, «funciona» simultaneamente pela violência e pela ideologia, mas com uma diferença muito importante que impede a confusão dos Aparelhos Ideológicos de Estado com o Aparelho (repressivo) de Estado.

É que em si mesmo o Aparelho (repressivo) de Estado funciona de uma maneira massiva-

mente prevalente *pela repressão* (inclusive física), embora funcione secundariamente pela ideologia. (Não há aparelho puramente repressivo). Exemplos: o Exército e a Polícia funcionam também pela ideologia, simultaneamente para assegurar a sua própria coesão e reprodução e pelos valores que projectam no exterior.

Da mesma maneira, mas inversamente, devemos dizer que, em si mesmos, os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de um modo massivamente prevalente *pela ideologia*, embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica. (Não há aparelho puramente ideológico). Assim a escola e as Igrejas «educam» por métodos apropriados de sanções, de exclusões, de selecção, etc., não só os seus oficiais, mas as suas ovelhas. Assim a Família... Assim o Aparelho IE cultural (a censura, para só mencionar esta), etc.

Será útil referir que esta determinação do duplo «funcionamento» (de maneira prevalente, de maneira secundária) pela repressão e pela ideologia, consoante se trata do Aparelho (repressivo) de Estado ou dos Aparelhos Ideológicos de Estado, permite compreender o facto

de constantemente se tecerem combinações muito subitas explicitas ou tácitas entre o jogo do Aparelho (repressivo) do Estado e o jogo dos Aparelhos Ideológicos de Estado? A vida quotidiana oferece-nos inúmeros exemplos disto que é preciso estudar em pormenor para irmos mais além da simples observação.

Esta observação obre-nos a via da compreensão do que constitui a unidade do corpo aparentemente dispar dos AIE. Se os AIE «funcionam» de maneira massivamente prevalente pela ideologia, o que unifica a sua diversidade é precisamente este funcionamento, na medida em que a ideologia pela qual funcionam é sempre unificada apesar das suas contradições e da sua diversidade, *na ideologia dominante*, que é a da «classe dominante»... Se quisermos considerar que em principio a «classe dominante» detém o poder de Estado (de uma forma franca ou, na maioria das vezes, por meio de Alianças de classe ou de frações de classes), e dispõe portanto do Aparelho (repressivo) de Estado, podemos admitir que a mesma classe dominante é activa nos Aparelhos ideológicos de Estado. É claro, agir por leis e decretos no Aparelho (repressivo) de Estado e «agir» por intermédio da ideologia

dominante nos Aparelhos ideológicos de Estado são duas coisas diferentes. Será preciso entrar no pormenor desta diferença, — mas ela não poderá esconder a realidade de uma profunda identidade. A partir do que sabemos, *nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado*. Dou um único exemplo e prova: a preocupação lançante de Lenine de revolucionar o Aparelho ideológico de Estado escolar (entre outros) para permitir ao proletariado sovietico, que tinha tomado o poder de Estado, assegurar o futuro da ditadura do proletariado e a passagem ao socialismo¹.

Esta última nota permite-nos compreender que os Aparelhos Ideológicos de Estado podem ser não só o *alvo* mas também o *local* da luta de classes e por vezes de formas renhidas da luta de classes. A classe (ou a aliança de classes) no poder não domina tão facilmente

¹ Num texto patético datado de 1937, Kroupskaja conta a história dos esforços desesperados de Lenine e daquilo que ela considera como o seu fracasso («*Le chemin parcouru*»).

no 21/150

os AIE como o Aparelho (repressivo) de Estado, e isto não só porque as antigas classes dominantes podem durante muito tempo conservar neles posições fortes, mas também porque a resistência das classes exploradas pode encontrar meios e ocasiões de se exprimir neles, quer utilizando as contradições existentes (nos AIE), quer conquistando pela luta (nos AIE) posições de combate¹.
Resumamos as nossas notas.

¹ O que aqui é dito rapidamente, da luta de classes nos Aparelhos Ideológicos de Estado, está evidentemente longe de esgotar a questão da luta de classes.

Para abordar esta questão é preciso ter presente no espírito dois princípios.

O primeiro princípio foi formulado por Marx no Prefácio à *Contribuição*: «Quando se consideram tais perturbações (uma revolução social) é preciso distinguir sempre entre perturbação material — que se pode constatar de uma maneira cientificamente rigorosa — das condições de produção económicas, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas nas quais os homens tomam consciência deste conflito e o levam até ao fim.» Portanto, a luta de classes exprime-se e exerce-se nas formas ideológicas e assim também nas formas ideológicas dos AIE. Mas a luta

Se a tese que propusemos é fundamentada, somos conduzidos a retomar, embora precisando-a num ponto, a teoria marxista clássica do Estado. Diremos que por um lado é preciso distinguir o poder de Estado (e a sua detenção por...) e o Aparelho de Estado por outro lado. Mas acrescentaremos que o Aparelho de Estado compreende dois corpos: o corpo das instituições que representam o Aparelho repressivo de Estado, por um lado, e o corpo das instituições que representam o corpo dos Aparelhos Ideológicos de Estado, por outro lado.

Mas, se assim é, não podemos deixar de colocar a questão seguinte, mesmo no estádio,

de classes *ultrapassa* largamente estas formas, e é porque as *ultrapassa* que a luta das classes exploradas pode também exercer-se nas formas dos AIE, portanto virar contra as classes no poder a arma da ideologia.

É isto em virtude do *segundo princípio*: a luta de classes *ultrapassa* os AIE porque está enraizada em qualquer outra parte que não na ideologia, na infraestrutura, nas relações de produção que são relações de exploração e que constituem a base das relações de classe.

BIBLIOTECA
NOTRE DAME
Rua Alegreta, 188
Sumaré - São Paulo

muito sumário, das nossas indicações: qual é exatamente a medida do papel dos Aparelhos Ideológicos de Estado? Qual pode ser o fundamento da sua importância? Noutros termos, a que corresponde a «função» destes Aparelhos Ideológicos de Estado, que não funcionam pela repressão, mas pela ideologia?

SOBRE A REPRODUÇÃO DAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO

Podemos agora responder à nossa questão central que permaneceu em suspenso durante longas páginas: *como é assegurada a reprodução das relações de produção?*

Na linguagem da tópica (infraestrutura, superestrutura), diremos: é, em grande parte assegurada¹ pela superestrutura, jurídico-política e ideológica.

Mas visto que considerámos indispensável ultrapassar esta linguagem ainda descritiva,

¹ Em grande parte. Porque as relações de produção são primeiro reproduzidas pela materialidade do processo de produção e do processo de circulação. Mas não se pode esquecer que as relações ideológicas estão imediatamente presentes nestes mesmos processos.